

Economia - Brasil

CRÉDITO VOLUME DE DINHEIRO EMPRESTADO, EQUIVALENTE A 34,3% DO PIB, É RECORDE

Perto de R\$ 1 trilhão

O volume de crédito do Sistema Financeiro Nacional chegou a R\$ 908,7 bilhões em novembro, o que equivale a 34,3 % do total dos bens e serviços produzidos no País, o Produto Interno Bruto (PIB). É o maior volume desde junho de 1995, quando chegou a 34,7% do PIB. Há um ano, o crédito correspondia a 30,2% do PIB. A expectativa do Banco

Central é que, em 2008, o volume de crédito aumente ainda mais e atinja um volume equivalente a 37% do PIB.

Os empréstimos para pessoas físicas totalizaram R\$ 312,4 bilhões, um crescimento de 2,4% em relação a outubro e de 32,6 % nos 12 meses fechados em outubro (anualizado). Para pessoa jurídica, o volume de crédito foi de R\$ 328,643 bi-

lhões, 4,4 % a mais em relação a outubro e de 29,7 % no anualizado.

No acumulado de 12 meses até novembro, as operações de crédito do sistema financeiro tiveram crescimento de 26,7%. Às vésperas do início de 2008, a concessão de empréstimos no Brasil continua crescendo impulsionada por novos investimentos e reposição de estoques

das empresas do comércio e da indústria. Para o Banco Central, o crescimento em novembro foi "significativo" e compatível com o dinamismo da atividade econômica, refletindo o aumento das transações empresariais típicas do final do ano.

Desse forma, a demanda de crédito por parte das empresas concentrou-se na modalidade de capital de giro, traduzindo o

aumento de financiamentos tanto para novos investimentos quanto para reposição de estoques do comércio e da indústria", avalia o BC, em nota divulgada ontem.

O chefe do Departamento Econômico, Altamir Lopes acrescentou que o volume de crédito pode chegar à marca histórica de R\$ 1 trilhão, mas não arriscou uma data para isso

acontecer. "Estamos com R\$ 909 bilhões, então, para chegar a um trilhão não demora muito, destacou. Na opinião dele, embora a expectativa seja de que o crédito imobiliário "continue crescendo a taxas expressivas", o que vai estimular os financiamentos são as empresas (indústria, comércio e serviços) e as pessoas físicas (crédito pessoal, consignado e de veículos).

44,8

POR CENTO

FOI A TAXA DE JURO
MÉDIO ANUAL
REGISTRADA PELO
BANCO CENTRAL,
NO MÊS DE
NOVEMBRO

Juros têm a menor taxa

A taxa de juros média para a pessoa física atingiu o menor patamar desde 1994, de acordo com dados divulgados pelo Banco Central. O juro médio anual ficou em 44,8% em novembro, caindo um ponto percentual em relação ao mês anterior e 8,8 pontos percentuais em um ano.

Para empresas, a taxa em novembro caiu apenas 0,1 ponto percentual em relação a outubro, ficando em 23,3% ao ano. Apesar de ter havido uma redução de 0,7 ponto percentual nos encargos prefixados (como capital de giro), houve um aumento de 0,5 ponto percentual nas operações pós-fixadas.

A inadimplência ficou praticamente estável em novembro em 4,5%. No caso de pessoas jurídicas, o nível de inadimplência alcançou 2,2% e, para pessoas físicas, ficou em 7,1%. O spread bancário (diferença entre a taxa de captação dos bancos e a taxa de juros cobrada dos clientes) caiu 0,9 ponto percentual ficando em 23,5% em novembro. Para empresas, o spread foi de 12,3% enquanto para pessoas físicas, de 33,3%.

Consignado em vantagem

O volume de crédito com desconto na folha de pagamento das instituições financeiras, acompanhando o volume total de crédito ofertado pelos bancos, também cresceu em novembro, atingindo R\$ 63,9 bilhões no mês passado, informou o Banco Central. Em outubro, o volume do crédito consignado estava em R\$ 62,5 bilhões. De um mês para o outro, a elevação foi de 2,2%.

No último mês, a taxa cobrada pelas instituições financeiras na modalidade de crédito com desconto em folha somou 29% ao ano, o menor valor da história. Em outubro, estava em 30,2% ao ano. Deste modo, permanece bem abaixo da taxa média das operações com crédito pessoal para pessoas físicas, que atingiu 46,8% ao ano em novembro. "Ainda tem algum espaço para a taxa cair mais. E também tem espaço para um aumento expressivo no volume do crédito consignado", avaliou o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes.